

## **O SABER DOCENTE :memórias e ciberespaço na construção do conhecimento.**

**BRUNO LACERDA SANTOS**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> NEREIDA MARIA SANTOS MAFRA DE  
BENEDICTIS**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

### **Resumo**

As sociedades passaram por um processo brusco de evolução nos últimos quatorze anos. O desenvolvimento das formas de interação entre os sujeitos alterou de forma profunda as formas de sociabilidade. Tendo em vista esse processo de hibridização da vida cotidiana, e sendo a escola um ambiente social, também não poderia ficar de fora dessas alterações. O aluno está cada vez mais conectado em redes, de forma que se torna indissociável a relação estabelecida entre os sujeitos e o ciberespaço. Cabe ao professor como mediador do conhecimento promover essa interação. Por meio do seu saber e da sua experiência consiga transformar a mediação didática, transformando o aluno em sujeito ativo na busca pelo conhecimento. Estimulando a criação de pontes de conhecimento, fugindo do ciclo das informações e auxiliando o aluno no processo de busca pelo aprendizado. Portanto, o presente trabalho evidencia os processos de evolução do ciberespaço e sua relação com o ensino, a memória e o aprendizado.

**Palavras-chave:** Ciberespaço. Saber docente. Mediação didática.

### **Abstract**

Societies have undergone a very rapid process of evolution in the last 14 years. The development of forms of interaction between subjects profoundly altered the forms of sociability. Given this process of hybridization of everyday life, and school being a social environment, it could not be left out of these changes either. The student is increasingly connected to networks, so that the relationship established between subjects and cyberspace becomes inseparable. It is up to the teacher as a mediator of knowledge to promote this interaction. Through your knowledge and experience, you can transform didactic mediation, transforming the student into an active subject in the search for knowledge. Encouraging the creation of knowledge bridges, escaping the information cycle. Helping the student in the process of seeking learning. Therefore, the work highlights the processes of evolution of cyberspace and its relationship with teaching, memory and learning.

**Keywords:** Cyberspace. Teaching knowledge. Didactic mediation.

## Introdução

O professor desempenha vários papéis em sala de aula, dentre eles o de mediador do conhecimento. Nesse sentido, não existem partes mais importantes do que outras nesse percurso rumo a articulação do saber. O conjunto de ações forma um sistema, único e múltiplo. Que se difere a cada repetição. Nessa prática o seu saber é valioso e promove a diferença, pois um mesmo assunto pode ser explicado muitas vezes, porém, cada docente acrescentará a sua marca de individualidade na dispersão desse conhecimento, expresso por meio do seu saber docente. E nesse sentido, a individualidade é construída pela interação em sociedade, suas memórias e aprendizados.

A sua memória é resultante das relações estabelecidas durante a vida em sociedade, haja vista que cada sujeito é dotado de uma individualidade em relação a sua subjetividade, portanto, capta detalhes diferentes em cada momento vivido, mesmo sendo uma vivência partilhada em grupo, como uma confraternização entre amigos, como aponta Halbwachs sobre a memória coletiva:

Quando encontramos um amigo do qual a vida nos separou temos alguma dificuldade, primeiramente, em retomar o contato com ele. Mas logo, quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós se lembra, e que não são as mesmas, ainda que esse relacionem aos mesmos eventos; não conseguimos nos pôr a pensar e a lembrar em comum, e os fatos passados não tem mais o mesmo relevo, não acreditamos revivê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós para representá-los, como os vemos agora, como os vimos outrora, quando os olhávamos ao mesmo tempo com nossos olhos e os de um outro? Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. (1968, p.25-26, grifo nosso)

Nossas memórias são sempre compartilhadas, cada experiência é vivenciada em um devir contínuo de inter-relações. Então, um mesmo assunto pode evocar memórias e saberes diferentes durante a sua explanação, tornando único e diferente a cada repetição. Ele nunca vai ser explanado da mesma maneira, pois, sempre vem carregado de uma característica que o difere, não por ser alterado em sua substância informativa, mas por estabelecer novas pontes ao conhecimento.

A vivência em grupo sempre será rica de sentidos, e nesse jogo ficamos marcados por momentos. Impressões que residem na memória coletiva, e cada sujeito naquele meio social retirou uma impressão diferente. E nesse quebra cabeça a memória coletiva é formada, evocada em detalhes, compondo uma parte determinante na *práxis* docente. Tardif (2002) nos explica a relação entre o professor, seus saberes e práticas. Aponta que o fazer diário molda as ações e reações dos sujeitos, seus hábitos e costumes, “Em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois, trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo” (p.56).

É um processo contínuo de construção e reconstrução, no intermédio da nossa vida. As funções que exercemos cotidianamente acaba por nos caracterizar, criar uma imagem social. E o ato de ensinar proporciona ao sujeito a possibilidade de conviver com diversos grupos distintos em sala de aula. Cada turma detém um perfil específico.

[...] o ensino exige do trabalhador a capacidade de utilizar, na ação cotidiana, um vasto leque de saberes compósitos. Ao agir, o professor se baseia em vários tipos de juízo práticos para estruturar e orientar sua atividade profissional. Por exemplo, para tomar uma decisão, ele se baseia com frequência em valores morais ou normas sociais; [...] Ele se baseia, enfim, em sua “experiência vivida” enquanto fonte viva de sentidos a partir da qual o próprio passado lhe possibilita esclarecer o presente e antecipar o futuro. (Tardif, 2002, p.66)

A experiência vivida colore as brechas dos conhecimentos, aplica luz aos detalhes durante a mediação didática em sala, a turma como grupo social capta os aspectos e cria memórias, experiências individuais. Assim, o coletivo não pode ser definido pela generalidade, pois, cada sujeito capta um nuance da vivência.

O saber docente como aponta o autor supracitado é uma “fonte viva de sentidos”. Educar é um fazer humano. Envolve aprender, ensinar, viver e sentir. No entanto, a artificialidade das ferramentas virtuais pode somente transmitir a informação, não há sentimento.

Como aponta Gallo (2008), a “Educação é encontro de singularidades” (p.1). O ciberespaço pode fluir como meio, nunca como finalidade. Auxilia, mas não condiciona. O saber docente é o elo crucial para promover e intermediar o aprendizado como um fazer humano que pode utilizar-se de ferramentas virtuais. Partindo desse pressuposto, Cestari (2020, p.3) aponta que no devir da pós-modernidade a condição humana do educador pode estar se perdendo em meio ao tecnicismo. Busca-se soluções e ações em teorias e métodos, automatizando e excluindo a multiplicidade dos sujeitos durante a formação, criando ilhas de

soluções prontas, fórmulas mágicas para ensinar de forma eficiente. Observando a condição humana do docente, não como mero reprodutor de conhecimento e do aluno como simples receptáculo, máquinas de informação.

Em nosso entendimento, levamos em conta que uma prática não é a mera execução instrumental de uma elaboração prévia, ao contrário disso, a elaboração é coextensiva à ação, quer dizer, é inerente a qualquer prática ou ato a injunção valorativa propriamente humana de atribuir sentido ao que fazemos. Além disso, assumimos o posicionamento de compreender a humanização como uma questão radicalmente aberta, cuja resposta só será obtida quando, numa prática educativa, nos tornarmos humanos na presença de outros, dando atenção ao fato de que a formação humana decorre da condição dos sujeitos de serem plurais e/ou diferentes na imanência de uma prática educativa. (Cestari, 2020, p.19)

Educar é um fazer humano, encontro de subjetividades singulares promovendo a produção de saber por meio da diferença. Educar por intermédio de plataformas virtuais não promove a dispersão de saber por não ser um fazer humano em essência, no que tange as relações de troca. A formação dos sujeitos, somente pode decorrer da pluralidade com a construção de memórias por meio de interação. Portanto, promover o triângulo de inter-relações durante a mediação didática como pode-se observar não é uma tarefa simples, é necessário que a linguagem do docente toque para despertar no aluno a troca imanente de saberes.

### **O ciberespaço e a produção do conhecimento.**

A educação mediatizada com a utilização de ferramentas tecnológicas pode auxiliar na mediação didática. Haja vista, a necessidade de despertar no aluno o interesse maior pelo conhecimento, captar sua atenção. O conhecimento adquirido em redes pode ter uma inter-relação tríplice, com o sujeito que aprende, o professor como mediador do saber e as ferramentas que o auxiliarão nesse processo. Contudo, para compreender esse triângulo relacional vê-se necessário observar os entraves diretamente relacionados a essa prática.

Acerca dessa posição de ação em sala de aula, sendo ela virtual ou presencial, as estratégias utilizadas devem buscar surtir o mesmo efeito. Estimular o aluno a buscar não somente a informação, mas sim, criar um *rizoma* (Deleuze, 1995) mental necessário para configurar a dispersão dos conhecimentos e possivelmente as competências relacionais. É válido ressaltar que não estamos apresentando um modelo visando ignorar a individualidade, buscando a generalidade nas formas de ensinar, como uma fórmula mágica para todos os sujeitos. Ao contrário, visamos estabelecer um diálogo entre o sujeito e o conhecimento, de

forma que no emaranhado de conhecimentos ele se enxergue como autor do seu *rizoma* mental. Segundo Deleuze (2022), só é possível haver diferença quando existe subjetividade, memória e capacidade de ação.

Aprender é constituir esse espaço do encontro com os signos, espaço em que os pontos notáveis se retomam uns nos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo que se disfarça. Há sempre imagens de morte no aprendizado, graças a heterogeneidade que ele desenvolve, nos limites do espaço que ele cria. (Deleuze, 2022, p.44)

A sombra dessa elucidação é possível tecer uma gama de sentidos, contudo, vê-se a impossibilidade de desatrelar a diferença da repetição. Pois, “pelo disfarce e pela ordem do símbolo, a diferença está contida na repetição” (Deleuze, 2022, p.37). Elas se recriam à medida que transitam no território multifacetado da diferença. Os sujeitos desenvolvem as singularidades na repetição. Em sala esse fazer deve ser abarcador ao invés de segregador.

Levando em conta que aprender é o ato de produzir encontros, ensinar é orquestrar esse momento. As ideias se transformam, é sempre o início de algo novo. Lecionar é libertar, compreender a heterogeneidade dos sujeitos inseridos nos grupos sociais. Aprende-se, cada um a seu jeito. Desenvolver o ensaio dos signos significantes consiste em provocar nos sujeitos a busca.

Eis por que é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os signos, que torna toda educação amorosa, mas também mortal. Nada aprendemos com aquele com aquele que nos diz “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. Em outros termos, não há idemotricidade, mas somente sensório-motricidade. (Deleuze, 2022, p.43)

O ato de aprender não é automático, ele demanda ação. Não consiste em buscar a reprodução do saber, pois, esse movimento anula a capacidade de singularização. É uma busca para desenvolver nos sujeitos a sua individualidade. O saber de si, o buscar resolutivo na compreensão das suas próprias habilidades. Nesse sentido, o ciberespaço se apresenta como uma alternativa para exercer a ênfase nas diferenças, por ser um ambiente composto pela multiplicidade. Estando sempre em busca de atualizar os métodos.

Exercitar a sensório-motricidade é uma necessidade. As virtualidades podem prender a atenção, haja vista, a atração exercida pelas animações e o movimento implícito nas redes, em relação a forma como interage com os sujeitos. A utilização de interfaces animadas tem a habilidade de chamar a atenção do aluno com primazia. As cores, o movimento e a

interatividade auxiliam nessa tarefa, executando como apontou Deleuze, o “faça comigo”. Estimulando a construção do saber de forma relacional.

A realidade é um conceito construído por meio de simulacros. Sendo assim, o real é somente uma interpretação individual que ganha força quando replicada (Deleuze, 2022, p.19). Tais estruturas atribuem sustentação ao universo simbólico das interações, condicionam e movem os fluxos do rizoma social em suas esferas e projetam o processo de repetição construindo a diferença.

Sendo a repetição um processo natural constituinte da realidade como reproduzimos em nossa noção de real, produzindo sempre algo novo em nosso cotidiano. É um processo contínuo e dependente de materialização da realidade. Já que o real como interpretamos é pura virtualidade, e o processo de atualização é um devir constante da repetição. Compreender essa forma de pensar pode ser uma ferramenta útil para compreendermos a sala de aula e as suas relações imanentes.

É possível observar que o devir da repetição na mediação didática, assim como as diferentes metodologias trabalhando um mesmo assunto podem produzir inovação e diferenciação, respeitando as formas de aprender de cada discente. Pois, vivemos em um simulacro particular segundo Deleuze (1992), localizado na interpretação individual da realidade, aplicando sentido as pulsões segundo nossas experiências vividas. Segundo Garcia-Roza (2009) somos seres desejantes, estamos a todo momento recebendo estímulos externos (pulsões) por meio dos nossos sentidos, e tais impressões são lançadas no inconsciente, passam pelo pré-consciente e somente após esse processo de decodificação e filtragem passa ao consciente em forma de desejo, podendo ser ou não suprimida pelo superego. Já que ele funciona como um regulador de conduta.

Mas, se o desejo é um vazio, uma falta, e se o Eu decorrente de sua satisfação é determinado pelo objeto, o Desejo somente será humano quando se dirigir para um objeto não natural, caso contrário ele permanecerá sendo um Desejo natural e o Eu continuará também sendo natural, isto é, animal. Para que a ação produzida pelo Desejo tenha um caráter antropógeno, ela tem de se voltar para algo que supere o real enquanto coisa, enquanto dado natural. Ora, a única realidade que apresenta essa característica é o próprio Desejo. Assim sendo, para que o Desejo se torne humano e para que constitua um Eu humano, ele só pode ter por objeto um outro Desejo (Garcia-Roza, 2009, p. 142).

O banal e o corriqueiro não produz estímulo desejante, aquilo que não desperta no sujeito uma curiosidade e não promove uma nova sensação passa despercebido. Tendo a noção

dessas inter-relações o docente não deve ter o papel de simples repetidor do conhecimento. Deve em suas aulas estimular a busca, o novo, pontes e trilhas de saber. Haja vista, o caminho a ser percorrido em direção a algo novo é sempre mais estimulante. Esse movimento é complexo, pois exige do profissional tempo e recursos para inovar.

Utilizar as ferramentas virtuais presentes no ciberespaço pode ser uma opção. Para exercitar melhor a compreensão sobre a definição do que pode ser considerado como virtual, Lévy elucidada:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (1996, p.5)

O virtual é uma possibilidade. Toda realidade já foi virtual e existiu em uma etapa de planejamento. A oposição real e virtual pode ser caracterizada como uma noção binária da existência. Para Lévy (1996) a existência é caracterizada por três movimentos, virtualização, atualidade e atualização. A primeira é marcada pela possibilidade de existência, é a forma imaginada ou ideia cogitada. A atualidade é o estado pós virtualizado e concretizado. E a atualização é o eterno *devenir* no sentido deleuziano da palavra, a eterna mutabilidade das formas e possibilidades de ser. Segundo Baudrillard:

Em sua acepção mais usual, o virtual se opõe ao real, mas sua súbita emergência, pelo viés das novas tecnologias dá a impressão de que, a partir de então, ele marca a eliminação, o fim desse real. Do meu ponto de vista, como já disse, fazer acontecer um mundo real já é produzi-lo, e o real jamais foi outra coisa senão uma forma de simulação. (2001, p. 40)

A impressão de oposição apresentada entre virtual e real somente seria válida se admitíssemos que os processos de virtualização são finitos. Tal finitude anularia a possibilidade de metamorfose social dos sujeitos e conceitos, sua atualização constante e a sua multiplicidade e heterogeneidade. O virtual se contrapõe ao atual (Lévy 1996). Estabelecendo um ciclo de troca no processo de recriação do simulacro.

Nesses termos, o espaço virtual ou *ciberespaço* é resultado de uma atualização, uma concreção resultante do devir humano, e por se tratar de uma esfera de interação social, haja vista, que os simulacros são criados por intermédio das individualidades no processo de socialização. E com bases nos objetos técnicos que a subsidiam (Santos 2006).

Durante a pandemia de SARS\_Cov2, mais especificamente no período de isolamento social, a utilização do *ciberespaço* era a forma mais segura de interação social. Portanto, houve uma atualização das redes, novas formas surgiram para acompanhar o fluxo das necessidades sociais. A escola, nesse intermédio de tempo também precisou se reinventar. Utilizando formas alternativas para que as aulas continuassem. Assim, a metodologia de ensino remoto foi desenvolvida, as aulas aconteciam por meio de plataformas como *Google Meet*, *Zoom*, entre outras e as atividades eram anexadas na sala de aula virtual (*classroom*).

Com o estabelecimento de formas de interação entre discentes e docentes, novos desafios surgiram na sua prática. O que era anteriormente aplicável nas atividades presenciais necessitaram ser reinventadas. As metodologias utilizadas nas aulas presenciais não surtiam mais efeito. No *ciberespaço* os sujeitos detêm uma liberdade maior, controlar os fluxos constitui um desafio mais complexo. O “pseudo” anonimato propagado em redes reflete no ambiente socializante uma sensação de “pseudo” segurança, pois a capacidade de rastreamento é uma realidade, a invisibilidade em redes para a maioria dos sujeitos que a utilizam pode ser considerada somente uma ilusão. Com o desenvolvimento das ferramentas virtuais, as formas de interação podem ter sofrido alterações profundas como apontam filósofos como Deleuze (1992), Baudrillard (2001), Bauman (2001), entre outros.

Bauman publicou a sua obra “modernidade líquida” em 2001, no início do processo de alteração social pelas telecomunicações nos padrões de sociabilidade. Em sua teoria a sociedade estava relativizando a vida em sociedade, gerando novos padrões de comportamento nas relações entre os sujeitos como podemos observar na citação abaixo:

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte dos seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar *dela*), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida”- ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social. ( Bauman, 2001, p.14)

Os padrões de sociabilidade sofreram alteração. Se no momento anterior ao desenvolvimento do *rizoma* ciberespacial os sujeitos coexistiam utilizando uma forma analógica de interatividade, com o desenvolvimento geométrica das redes como aponta Castells (2001) promoveu a abertura de um novo panorama nas possibilidades de conexão a “Era da

informação” (p.141). As distâncias que outrora a informação percorria e levava um longo tempo com o desenvolvimento das redes no processo de globalização começou a ocorrer de forma instantânea.

E no entorno desse processo é possível observar a hibridização no cerne das formas de socialização alteraram por meio das múltiplas possibilidades os padrões de sociabilidades, que deixam de ser “dados” e passam a ser cada vez “auto-evidentes”. Quando Bauman aponta na citação acima, que os poderes transacionados do sistema para a sociedade alteraram as características da convivência social, ele faz uma relação com uma mudança de paradigmas, como o desenvolvimento de uma nova dimensão do real como afirma Baudrillard (2001).

Caracterizada pela imanência do ciberespaço aparentasse uma revolução em que os sujeitos deixaram de viver na égide de um *rizoma* inteiramente analógico e dimensionado para convivência sem fugas e passasse a ser hibridizado pelas redes. Fontes de fuga, uma coexistência em constante ampliação do *rizoma* social antes estabelecido. Uma mudança nas regras caracterizada pela uma maior liberdade de ação e reação nas redes do ciberespaço.

Seguindo essa linha de pensamento, o *ciberespaço* é um ambiente em que a liquefação da sociedade se torna mais evidente, devido a sensação de pseudoliberalidade. É um ambiente de dispersão de informação e conhecimento. Os sujeitos se sentem protegidos atrás das telas. Gerenciar esses fluxos pode se revelar um desafio crescente no âmbito escolar.

Os sistemas se alteram, se liquefazem, são altamente moldáveis, a solidez foi substituída pela fluidez que contorna e se molda cada vez mais rapidamente. As tendências adquiriram a capacidade de alteração rápida. Observando esse movimento social nos voltamos para a sala de aula, para buscar compreender como esses fluxos podem interferir na mediação didática, compreendendo a sua interação.

Assim como as linguagens sociais sofreram alteração com a hibridização dos hábitos sociais a educação pode encontrar uma porta aberta para se adequar aos novos fluxos por meio da mudança na linguagem em sala de aula, não mais ir de encontro a eles, mas sim, buscar mediante a uma didática atualizada trabalhar e angariar novas formas de interação, mediação e estimular a busca pelo conhecimento e não somente a repetição de informações desconexas como aponta Deleuze (2022).

Com o desenvolvimento do ciberespaço após 2001 como explicado anteriormente as tendências de adaptação no ensino se alteravam como é possível observar na obra de Veen e Vrakking, publicada em dois mil e nove relatando:

Um diretor de uma escola secundária falou com seu filho, que terminara o ensino médio, e decidiu matriculá-lo em um curso universitário. O menino disse: “Pai, não é o prédio da escola o problema, nem os professores”. Muitos deles tentam fazer o melhor que podem e são muito bons. O que está errado é que a escola é muito monótona [...] se ouvirmos com atenção o que nossos filhos têm a nos dizer, verificamos que não se trata de algo diferente disso (2009, p. 47).

É possível inferir devido aos altos graus de estímulo provocados pelas interações com o mundo virtual, o comum, que não traz a todo instante algo estimulante pode ser considerado monótono. É uma impossibilidade tentar igualar os fluxos. Fazer da escola um ambiente tão estimulante quanto as redes seria um trabalho complexo. Vale ressaltar a data em que os autores descrevem a fala do diretor, o ciberespaço não detinha tantas ferramentas de “interação”.

A escola como era concebida vinte anos atrás não consegue mais abarcar os fluxos da *modernidade líquida* (Bauman 2001), já que os signos da nova estrutura social líquida se atualizam e se moldam rapidamente, assim como um fluído toma a forma de um receptáculo. O público é o mesmo, contudo os sujeitos são diferentes, aprendem de forma diferente e se comunicam mediante um sistema simbólico que se metamorfoseia na velocidade dos fluxos das redes. O *ciberespaço* é uma dimensão do real, alterando os fluxos do atual por meio de suas constantes atualizações.

A tecnologia moldou o modo de ser do Homo zappiens; ele pensa em redes e de maneira mais colaborativa do que as gerações anteriores. A tecnologia é como um amigo, não um inimigo (PRENSKY, 2002). O modo de ser do Homo zappiens é digital, e não analógico. Suas estratégias de aprendizagem, por isso, mudaram - se aceitarmos que por meio de jogos de computador e da comunicação com outras crianças de fato se aprende (Veen e Vrakking, 2009, p. 47)

Os autores desenvolveram termo “Homo zappiens” para caracterizar os alunos da “geração z”, já que foi o público alvo na pesquisa desenvolvida. Já que eles aprendem de forma diferente, novos sujeitos, novas formas de se comunicar e interagir com o mundo que o cerca. O aluno do século XXI tem acesso a uma gama enorme de ferramentas de interação virtual, as redes se metamorfosearam de forma tão diversa e eficiente que os sujeitos se adaptaram aos hiper fluxos. A forma de pensar, agir e se relacionar nessa macroestrutura virtualizada denominada ciberespaço que se desenvolve de forma rizomática estimula a interação, ao mesmo

tempo, pode propiciar o isolamento. Compreender essa dinâmica viva de sociabilidade requer um olhar atento do docente. Assim como estratégias para fazer a inter-relação entre os sistemas de informação, seu saber e as pontes rizomática de conhecimento.

### Considerações Finais ou Conclusão

A sala de aula é um espaço de multiplicidade. Cada sujeito envolvido no processo de mediação didática reflete em suas experiências uma sombra do seu saber adquirido no decorrer da sua vivência. Compreender esses aspectos apreciando a transmissão do conhecimento na mediação didática propicia ao pesquisador uma abertura significativa no seu panorama de análise.

No intermédio desse tempo vivido aprende-se muito. Em cada vivência uma experiência. Experienciar a evolução das redes pode ser considerado um marco, pois com o seu ímpeto evolutivo as formas de sociabilidade também foram alteradas. Os sujeitos que tem acesso as redes se comunicam de forma mais rápida. Contudo, pesquisar, observar e buscar compreender os efeitos dessas novas formas de sociabilidade no processo de mediação didática configura uma necessidade. O *ciberespaço* tem uma linguagem própria, a sociabilização ocorre mediante a multiplicidade. A “pseudo” liberdade pode ser caracterizada como uma marca desse sistema.

Linguagem e liberdade provém de raízes gêmeas, fruto de um mesmo caule, o desejo de se expressar. Desejar, querer e sentir, a conjunção do eterno retorno da psique humana como aponta Garcia-Roza (2009). Um devir contínuo, fruto de uma percepção singularizante que permeia as redes. Esse movimento é rico de informação e sua inter-relação com a educação pode ser considerada uma problemática em constante atualização.

Com o levantamento bibliográfico executado foi possível observar o quanto os temas estão relacionados e sua necessidade para compreender os movimentos no que diz respeito a mediação didática. Ressaltando a importância da utilização de ferramentas mais interativas para o fazer docente, em busca de auxiliar o aluno na sua busca pelo conhecimento, visando a singularização no processo de ensino.

Todavia na esteira dessa tríplice relação entre, aluno, professor e *ciberespaço*, é necessário frisar a diferença entre conhecimento e informação, como foi apontado. O docente

é um mediador do conhecimento, as redes detém as informações, a aliança entre os dois pode promover uma aprendizagem mais “interessante” para o discente. Haja vista, a sua interação contínua com o *ciberespaço*. É crucial lembrar que educar é um fazer humano, nenhuma forma de interação estabelecida no ciberespaço pode substituir o papel do professor. E nessa troca, a interação saudável pode auxiliar no movimento de busca pelo conhecimento.

## Referências

- Baudrillard, J. (2001). *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel.
- Castells, M. (2001). *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CESTARI, Luiz Artur dos Santos. Um pensamento pedagógico emergente das práticas educativas como humanização e diferença. **Conjectura: filos. e Educ.** Caxias do Sul , v. 25, e020020, 2020 .
- Deleuze, G. (1992). Post-Scriptum Sobre as sociedades de controle. Em *Conversações: 1972-1990* (34 ed., pp. 219-226). Rio de Janeiro.
- Deleuze, G. (2022). *Diferença e Repetição* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Rio de Janeiro: editora 34.
- Gallo, S. (2008). Eu, o outro e tantos outros: educação alteridade e filosofia da diferença. *II Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense*.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (24 ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Halbwachs, M. (1968). *A memória coletiva* (2ª ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual* (34 ed.). (T. P. Neves, Ed.) São Paulo: Librarie Générale Française.
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço* (4 ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Veen, W., & Vrakking, B. (2009). *Homo Zapiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed.

**AUTOR 1:**

**BRUNO LACERDA SANTOS**



LICENCIADO EM GEOGRAFIA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB), MESTRANDO EM EDUCAÇÃO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGED/UESB) E MEMBRO DO NÚCLEO DE ANÁLISE EM MEMÓRIA SOCIAL, ESPAÇO E EDUCAÇÃO (NUAMSEE).

EMAIL: BRUNOLACERDASANTOS7777@GMAIL.COM

LATTES: [HTTPS://LATTES.CNPQ.BR/0216613372505746](https://lattes.cnpq.br/0216613372505746)

ORCID:

**AUTOR 2:**

**NEREIDA MARIA SANTOS MAFRA DE BENEDICTIS**



DOUTORA EM MEMÓRIA, LINGUAGEM E SOCIEDADE PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB) E PROFESSORA PERMANENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGED/UESB), LÍDER DO NÚCLEO DE ANÁLISE EM MEMÓRIA SOCIAL, ESPAÇO E EDUCAÇÃO (NUAMSEE) E MEMBRO PESQUISADORA DO GESCOM E DO GRUPEG.

EMAIL: NEREIDAMAFRABENEDICTIS@GMAIL.COM

LATTES: [HTTP://LATTES.CNPQ.BR/2980842835292424](http://lattes.cnpq.br/2980842835292424)

ORCID: